

A SINTAXE E A MORFOLOGIA DAS NOMINALIZAÇÕES NA LÍNGUA TENETEHÁRA (TUPÍ-GUARANÍ)¹

Quesler Fagundes Camargos (UNIR)²

ABSTRACT:

This paper aims to examine agentive, eventive and resultative nominalizations in the Tenetehára Language. According to Marantz (1997), Alexiadou (2001) and Borer (2003, 2005), resultative nominalizations are formed from categorically neutral roots. Nonetheless, resultative and eventive nominalizations in Tenetehára are productively derived by morphological complex verbal stems, allowing for the possibility of containing VP-adverbs, applicative and causative affixes, voice markers and agent-oriented adverbs. On the other hand, they cannot display verbal negation and expression of aspect and tense. In addition, agentive nominalizations also exhibit a complex verbal structure. The evidence comes from agentive nominalized verbs that display causative and applicative morphologies and VP-adverbs, but they cannot contain voice markers, agent-oriented adverbs, verbal negation or expression of aspect and tense. Therefore, Tenetehára seems to present counterexample to Baker & Vinokurova's (2009) approach, according to which true agentive nominalization must combine directly with VP.

KEYWORDS: Syntax. Morphology. Nominalizations. Tenetehára. Tupí-Guaraní.

1 Este artigo é o resultado dos trabalhos desenvolvidos no projeto de pesquisa "Descrição e análise de línguas indígenas amazônicas", no âmbito da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia (PROPesq/UNIR) e do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA), dentro da linha de pesquisa "Estudos da Linguagem Intercultural". Quero registrar meus agradecimentos ao povo indígena Tenetehára que foi essencial no levantamento dos dados linguísticos que compõem esta pesquisa, em especial aos indígenas Cíntia Maria Santana da Silva Guajajára, Pedro Guajajára, Raimundo Guajajára e Trajano Guajajára.

2 Professor Assistente do Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (DEINTER/UNIR). Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN/UFMG). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação da Amazônia (GPEA), Grupo de Pesquisa em Geografia Socioambiental (GPGSA), Laboratório de Línguas e Culturas Indígenas (LALIC/UNIR) e Laboratório de Línguas Indígenas (LALI/UFMG). E-mail: queslerc@gmail.com. Website: www.qfcamargos.unir.br.

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo examinar as nominalizações agentivas, eventivas e resultativas na língua Tenetehára. Apesar de Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005) afirmarem que as nominalizações resultativas são construídas a partir de raízes, vou mostrar, com base nas construções causativas, que em Tenetehára essas estruturas são morfologicamente complexas e assim podem sofrer decomposição. Paralelamente, as nominalizações agentivas também exibem uma estrutura verbal complexa. Nosso principal argumento se fundamenta no fato de essa construção combinar-se com morfologia causativa e aplicativa, por exemplo. Veja que essa proposta opõe-se parcialmente a Baker & Vinokurova (2009), visto que esses autores assumem que verdadeiros nominalizadores agentivos devem se juntar a VPs.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe. Morfologia. Nominalizações. Tenetehára. Tupí-Guaraní.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da linguística teórica, as construções que envolvem nominalizadores, tais como o sufixo {-*ing*} em inglês, têm sido utilizadas como argumentos favoráveis e contrários à proposição de um módulo separado para a morfologia. Esse debate tem proporcionado condições para o aperfeiçoamento de propostas teóricas que abordam a nominalização, tais como: a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ 1997) ou ainda a Gramática Léxico-Funcional (KAPLAN; BRESNAN, 1982; SHIEBER 1986), por exemplo. Com base neste debate, este trabalho tem por objetivo examinar os nominalizadores {-*har*}, que denota agente, e {-*haw*}, que indica evento e resultado, na língua indígena Tenetehára, a qual, de acordo com Rodrigues (1985), pertence ao ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní. Mostrarei que as nominalizações que denotam um agente nessa língua apresentam uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP, o que é contrário a Baker & Vinokurova (2009). Além disso, as nominalizações resultativas, nos termos de Grimshaw (1990), também são morfologicamente complexas e assim podem sofrer decomposição. Proponho que a língua Tenetehára tem um comportamento muito semelhante ao da língua Ojibwe (MATHIEU, 2013, 2014), uma vez que essas construções nessas duas línguas envolvem a nominalização de predicados verbais sem argumento externo, apesar de haver evidência morfológica da realização de vP, por meio, por exemplo, da morfologia causativa.

Este artigo está dividido em cinco seções. Na seção 2, apresento um resumo do trabalho de Baker & Vinokurova (2009). Na seção 3, examino a nominalização agentiva em Tenetehára. Na seção 4, investigo a nominalização que denota evento e resultado em Tenetehára. Na seção 5, encerro com as considerações finais.

2. A SINTAXE E A MORFOLOGIA DAS NOMINALIZAÇÕES

De acordo com Baker & Vinokurova (2009), as derivações morfológicas que criam nomes deverbais que denotam um evento ou um agente são estruturas comuns em uma perspectiva interlinguística. Os

autores ilustram esses dois processos derivacionais com os exemplos do inglês. Veja que, em (1b) e (1c), os nomes *finding* “o encontro” e *finder* “aquele que encontra” contêm, conforme Baker & Vinokurova (2009), uma raiz verbal e um sufixo nominalizador.

- (1) a. *Chris found my wallet in the stairwell*
b. *The **finding** of the wallet took all afternoon*
c. *The **finder** of the wallet returned it to the front desk*

Conforme Baker & Vinokurova (2009), os dois nomes deverbais acima apresentam características comuns, a saber: (i) ocupam a posição sintática de sujeito de uma oração finita, função típica de NPs; (ii) recebem o artigo definido *the*; e, por fim, (iii) possuem um objeto “genitivo” marcado com a preposição *of* “de”.

Baker & Vinokurova (2009) mostram ainda que o gerúndio em inglês, além ocupar posições típicas de DPs, contêm o mesmo afixo {-ing} visto em (1b), conforme o exemplo abaixo.

- (2) *Finding the wallet (so quickly) was a big relief*

No entanto, note que, ao contrário da nominalização em (1b), a estrutura de gerúndio em inglês, como em (2), contêm propriedades mais verbais do que nominais. Baker & Vinokurova (2009) apresentam, como evidência, o fato de (i) não haver nenhum determinante e (ii) o objeto não ser marcado pela preposição *of* “de”, mas sim se realizar como NP pleno com Caso acusativo.

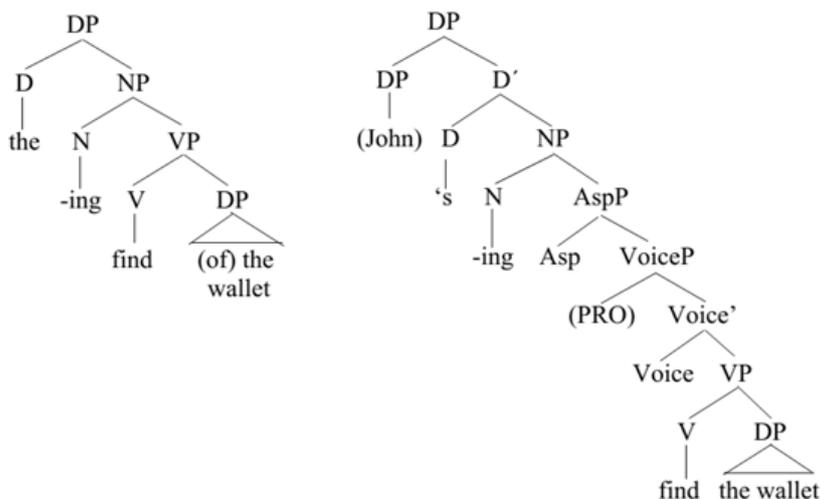
Apesar de o gerúndio em (2) apresentar propriedades nominais e verbais, as duas construções que envolvem o sufixo {-ing} não podem combinar as propriedades um do outro arbitrariamente. Note que as duas sentenças abaixo são agramaticais porque, em (3a), o artigo definido está presente e o objeto recebe Caso acusativo e, em (3b), o artigo definido não está presente e o objeto é marcado pela preposição *of* “de”.

- (3) a. **The **finding** the wallet*
b. ****Finding** of the wallet*

Em uma perspectiva teórica, Baker & Vinokurova (2009) propõem que a nominalização em (1b) envolve um afixo nominal {-ing} que é adicionado em um nível inferior na estrutura configuracional. Assim, o sintagma como um todo apresenta mais propriedades nominais. A sentença em (2), por sua vez, envolve um afixo {-ing} que se junta em uma posição mais alta na estrutura configuracional. Dessa maneira, apesar de haver propriedades nominais, há mais funções verbais presentes na sentença.

Baker & Vinokurova (2009, p. 3) propõem as configurações em (4) para dar conta dessa distinção no uso do afixo nominalizador {-ing} em inglês:

- (4) a. nome de ação b. nome de gerúndio



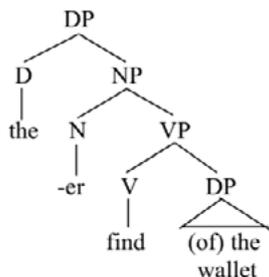
Os autores assumem que o objeto *the wallet* “a carteira” só tem o Caso acusativo em (2) e (4b), uma vez que o Caso acusativo é licenciado pelo núcleo de VoiceP. Por essa razão, em (1b) e (4a), esse objeto recebe a preposição *of* “de”, a qual tem a função de satisfazer o Caso do objeto. Outro fato interessante é que advérbios de modo como *quickly* “rapidamente” são gerados acima de VP (CINQUE, 1999). Logo, apenas estruturas como (4b) permitem a realização desses modificadores, como mostra a sentença (2).

Consoante Baker & Vinokurova (2009), ao contrário de algumas nominalizações que denotam evento, as nominalizações de agente em inglês (i) não podem ter um objeto acusativo, (ii) não podem se realizar sem um determinante e (iii) não podem ser modificadas por um advérbio, conforme os respectivos exemplos a seguir:

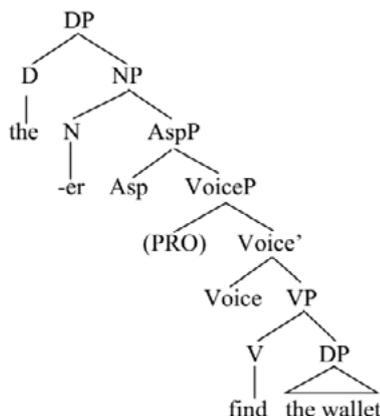
- (5) a. **The finder the wallet (so quickly) returned it to the front desk*
 b. **Finder the wallet returned it to the front desk*
 c. **The finder of the wallet quickly returned it to the front desk*

De fato, para Baker & Vinokurova (2009), nominalizações de agente não apresentam nenhuma estrutura verbal, além do fato de que contêm uma raiz verbal e um argumento interno do verbo. Diante disso, Baker & Vinokurova (2009, p. 5) propõem as duas construções abaixo, em que a configuração em (6a) é atestada em inglês, paralelamente à estrutura (4a). A estrutura (6b), apesar de ser paralela à configuração em (4b), não é atestada, como as agramaticalidades em (5) evidenciam.

(6) a. nominalizações agentivas



b. estrutura não atestada



Um dos objetivos de Baker & Vinokurova (2009) é mostrar que a ausência de (6b) em inglês não é uma lacuna acidental, mas sim um fenômeno que perpassa as línguas naturais, uma vez que esse contraste pode ser essencialmente observado em outras línguas. Com base nesse debate, os autores investigam a nominalização de agente em uma perspectiva interlinguística a fim de mostrar como esse processo se diferencia da nominalização que denota evento. Neste artigo, no entanto, mostrarei que a língua Tenetehára figura como um contraexemplo para esses autores.

Na próxima seção, analisarei as propriedades presentes em nominalizações que denotam agente na língua Tenetehára. O objetivo será investigar a estrutura interna dessas nominalizações.

3. NOMINALIZAÇÃO AGENTIVA EM TENETEHÁRA

Nesta seção, mostrarei que a língua Tenetehára³ exibe um comportamento gramatical bem interessante quanto ao processo de nominalização de agente, o qual se apresenta como um contraexemplo para Baker & Vinokurova (2009). Veremos que nomes deverbais que denotam agente apresentam uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP, conforme a configuração (6a). Em termos descritivos, verbos transitivos podem ser nominalizados por meio do sufixo {-har}. O resultado será um nome deverbal que denota o agente do evento introduzido pelo verbo, conforme o exemplo⁴ abaixo:

3 A língua Tenetehára, assim como as demais línguas da família linguística Tupí-Guaraní, apresenta uma estrutura morfológica rica nos núcleos sintáticos, podendo, assim, ser classificada como uma língua com propriedades aglutinantes. Dessa forma, a estrutura morfológica do verbo é constituída por prefixos e por sufixos. Estes afixos têm a função, de modo geral, de realizar a concordância com o sujeito e/ou com o objeto, aumentar e diminuir a valência verbal, codificar aspecto, realizar a incorporação nominal, marcar a negação, entre outras funções. Com base na ordem linear dos afixos verbais, proponho que eles se enquadrem, mas não se limitem, no seguinte paradigma: Negação + Concordância + Reflexivo + Causativo + Nome Incorporado + RAIZ + Aspecto + Causativo + Aspecto + Negação. Quanto ao sistema de concordância, os sintagmas nominais em Tenetehára não recebem desinências de caso morfológico para distinguir os sintagmas nominais nas funções sintáticas de sujeito e de objeto. Essas funções são, na verdade, codificadas por meio dos paradigmas de concordância. Em termos descritivos, há três paradigmas. O primeiro paradigma corresponde aos prefixos de concordância que referenciam os argumentos externos, a saber: a- [1sg]; uru- ~ oro- [1excl]; xi- ~ za- [1incl]; re- [2sg]; pe- [2pl]; u- ~ o- ~ w- [3]. O segundo paradigma corresponde aos prefixos de concordância que referenciam os argumentos internos, a saber: he- [1sg]; ure- [1excl]; zane- [1incl]; ne- [2sg]; pe- [2pl]; i- ~ h- [3]. Por fim, o terceiro paradigma corresponde aos prefixos de concordância *portmanteau* que referenciam os argumentos externos e internos simultaneamente, a saber: uru- [1 2sg]; apu- [1sg 2pl]; urupu- [1excl 2pl]. Em termos sintáticos, o Tenetehára é uma língua que exibe a ordem básica VSO. Alguns fatores gramaticais, no entanto, permitem que a ordem se altere, tais como topicalização, interrogação, entre outros. Quanto aos mecanismos de ajuste de valência verbal (estrutura causativa, reflexiva, anti-passiva, entre outras) e demais propriedades gramaticais diretamente relacionadas à estrutura verbal, direciono o leitor aos trabalhos de Harrison (1986, 1995), Duarte (1997, 2003, 2007, 2012), Castro (2007), Silva (2010), Camargos (2013ab, 2014), Camargos & Castro (2013, 2015), entre outros.

4 Os exemplos da língua Tenetehára apresentados neste trabalho pertencem à variedade dialetal falada na Terra Indígena Araribóia, sobretudo das aldeias Lagoa Quieta, Zutiwa e Barreirinha. As abreviaturas utilizadas neste artigo são: 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; APPL: morfema aplicativo; C: prefixo de contiguidade; CAUS: morfema causativo; CORR: coreferencial; EXCL: exclusivo; FUT: futuro; INCL: inclusivo; INTENS: intenção; NC: prefixo de não contiguidade; NEG: morfema de negação; NOML: morfema nominalizador; PASS: passado; PERF: perfectivo; PL: plural; REFL: morfema reflexivo; SG: singular.

- (7) a. *u-zuka* *awa* *zàwàruhu* *a'e*
 3-matar homem onça ele
 “O homem matou a onça”
- b. *o-ho* *zàwàruhu* *i-zuka-har* *ka'a* *pe* *a'e*
 3-ir onça 3-matar-NOML mata para ele
 “O matador de onça foi para a mata”

Note que o nominalizador {-har} se junta ao verbo transitivo *zuka* “matar”, a fim de denotar o agente do evento de matar. O objeto *zàwàruhu* “onça”, por sua vez, ocupa a posição de complemento do nome deverbal, o qual engatilha o prefixo⁵ de terceira pessoa {-i-}. Vale ressaltar que essa posição de complemento também pode ser ocupada por um possuidor, conforme os exemplos abaixo:

- (8) a. *he=ø-àkàg*
 1sg=C-cabeça
 “Minha cabeça”
- b. *ne=ø-takihe*
 2sg=C-faca
 “Sua faca”

Nas próximas seções, mostrarei que o nominalizador {-har} é capaz de selecionar estruturas mais complexas do que um VP.

3.1. Morfologia causativa

Vimos no exemplo (7) que o morfema {-har} se junta a verbos transitivos a fim de gerar nomes que denotam um agente. Os exemplos (9) e (10), por sua vez, mostram que verbos transitivos morfologicamente causativizados também podem ser nominalizados pelo sufixo {-har}.

- (9) a. *u-mu-zahak* *kuzà* *kwarer* *a'e*
 3-CAUS-banhar mulher menino ela
 “A mulher deu banho no menino”
- b. *o-ho* *kwarer* *i-mu-zahak-har* *ka'a* *pe* *a'e*
 3-ir menino 3-CAUS-banhar-NOML mata para ela
 “Aquele que banha o menino foi para a mata”

5 No âmbito dos estudos descritivos das línguas indígenas da família linguística Tupí-Guaraní, prefixos relacionais têm a função de marcar a contiguidade ou não contiguidade entre um termo dependente e o termo do qual este depende. Nos nomes, por exemplo, o núcleo do sintagma nominal engatilha os prefixos {ø- ~ r-} para indicar que o seu complemento está adjacente, ao passo que os prefixos {-i- ~-h-} são engatilhados para indicar que o complemento não está adjacente ao núcleo do sintagma nominal. A língua Tenetehára exhibe, no entanto, um sistema mais refinado, quanto ao uso dos prefixos {-i- ~-h-}. Além de marcar a não adjacência do complemento nominal, esses prefixos também podem ocorrer em predicados nominais com aparente adjacência de seu argumento, a fim de codificar o traço de terceira pessoa. Estes dois mecanismos permitem que as construções possessivas, como em (i), sejam diferenciadas das predicções nominais, como em (ii). Note que o prefixo {-h-} em (ii) não tem a função de codificar a não adjacência de *awa* “homem”, mas sim marcar o traço de 3ª pessoa.

(i) *awa* *r-àpuz*
 homem c-casa
 “A casa do homem”

(ii) *awa* *h-àpuz*
 homem 3-casa
 “O homem tem casa”

- (10) a. *u-mu-aku* *kuzà* *kwarer* *a'e*
 3-CAUS-quente mulher menino ela
 “A mulher esquentou (/bateu em) o menino”
- b. *o-ho kwarer* *i-mu-aku-har* *ka'a pe* *a'e*
 3-ir menino 3-CAUS-quente-NOML mata para ela
 “Aquele que sempre esquenta (/bate em) o menino foi para a mata”

Note que, nos exemplos acima, o nominalizador {-har} é capaz de se afixar a uma estrutura verbal que projeta νP_{CAUSE} , cujo núcleo é instanciado pelo morfema causativo {mu-}. A consequência desses dados é que a configuração em (6a), em que o nominalizador seleciona um VP como complemento, não é atestada em Tenetehára, uma vez que o nominalizador seleciona como complemento uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP.

3.2. Morfologia de aplicativo alto

Outra evidência de que o nominalizador {-har} seleciona uma estrutura verbal mais desenvolvida do que aquela configuração proposta por Baker & Vinokurova (2009) vem das construções que envolvem o morfema aplicativo alto {eru-}, conforme os exemplos abaixo:

- (11) a. *w-eru-wewe* *awa* *àwiàw* *a'e*
 3-APPL-voar homem avião ele
 “O homem voa com o avião”
- b. *u-hem* *àwiàw* *h-eru-wewe-har* *kwez he=r-uwake* *a'e*
 3-uir avião 3-APPL-voar-NOML PERF 1SG=C-perto ele
 “Aquele que voa com o avião (=piloto) chegou perto de mim”
- (12) a. *w-eru-zàn* *awa* *tukuruhu* *a'e*
 3-APPL-correr homem gafanhoto ele
 “O homem corre com a moto”
- b. *u-hem* *tukuruhu* *h-eru-zàn-har* *kwez he=r-uwake* *a'e*
 3-uir gafanhoto 3-APPL-correr-NOML PERF 1SG=C-perto ele
 “Aquele que corre com a moto (=piloto) chegou perto de mim”

Nos exemplos acima, vemos que o nominalizador {-har} se afixa a uma estrutura verbal que projeta $\text{AppP}_{\text{HIGH}}$, cujo núcleo é instanciado pelo morfema aplicativo alto {eru-}. Exemplos como esses corroboram a assunção de que a estrutura interna das nominalizações que denotam agente em Tenetehára é mais complexa do que a configuração proposta por Baker & Vinokurova (2009), na qual o nominalizador seleciona apenas o VP.

3.3. Advérbios de modo

Como vimos na seção anterior, os advérbios de modo, tais como *rapidamente* e *lentamente*, são projetados acima de VP (CINQUE, 1999). Assim, pode-se afirmar que esses advérbios possuem escopo sobre vP. É por esse motivo que nominalizações que denotam agente em inglês não aceitam esse tipo de advérbio (BAKER; VINOKUROVA, 2009). No entanto, espera-se que esses tipos de advérbios⁶ possam ocorrer em nominalizações de agente em Tenetehára, uma vez que o sufixo {-har} seleciona como complemento vP_{CAUSE}. De fato, é isso o que ocorre nas sentenças abaixo:

- (13) a. *mewekatu* *u-kixi* *awa* *ywyrapew* *a'e*
 lentamente 3-cortar homem madeira ele
 “O homem cortou lentamente a madeira”
- b. *o-ho* *ywyrapew* *mewekatu* *i-kixi-har* *ka'a* *pe* *a'e*
 3-ir madeira lentamente 3-cortar-NOML mata para ele
 “Aquele que corta lentamente madeira foi para a mata”
- (14) a. *na'aritykahy* *u-kixi* *awa* *ywyrapew* *a'e*
 rapidamente 3-cortar homem madeira ele
 “O homem cortou rapidamente a madeira”
- b. *o-ho* *ywyrapew* *na'aritykahy* *i-kixi-har* *ka'a* *pe* *a'e*
 3-ir madeira rapidamente 3-cortar-NOML mata para ele
 “Aquele que corta rapidamente madeira foi para a mata”

Nos exemplos acima, observe que os advérbios de modo, os quais ocorrem no domínio do nome verbal, têm escopo sintático sobre o evento descrito pelo verbo que foi nominalizado. Isso só é possível porque o nominalizador {-har} seleciona como complemento uma estrutura verbal que inclui vP. Conforme Baker & Vinokurova (2009), esse tipo de advérbio não pode ocorrer em nominalizações agentivas em inglês, uma vez que o nominalizador só pode selecionar um VP.

3.4. Morfologia de VoiceP

A língua Tenetehára não instancia morfologicamente o núcleo de VoiceP em contexto de construções ativas⁷. Contudo, esse núcleo pode ser realizado em construções reflexivas, as quais são marcadas

6 Os advérbios de modo em Tenetehára, tais como *mewekatu* “lentamente” e *na'aritykahy* “rapidamente”, podem ocupar, a princípio, qualquer posição na sentença, conforme os exemplos abaixo:

- (i) (*mewekatu*) *u-kixi* (*mewekatu*) *awa* (*mewekatu*) *ywyrapew* (*mewekatu*)
 lentamente 3-cortar lentamente homem lentamente madeira lentamente
 “O homem cortou a madeira lentamente”
- (ii) (*na'aritykahy*) *u-kixi* (*na'aritykahy*) *awa* (*na'aritykahy*) *ywyrapew* (*na'aritykahy*)
 rapidamente 3-cortar rapidamente homem rapidamente madeira rapidamente
 “O homem cortou a madeira rapidamente”

7 A partir das propostas teóricas de Kratzer (1996), Schafer (2008), entre outros, assumo a hipótese de que VoiceP pode entrar na derivação sintática na língua Tenetehára com traços formais que exibem, pelo menos, os seguintes valores: voz ativa, voz reflexiva e voz antipassiva. Nas construções reflexivas, o núcleo de VoiceP é realizado pelo morfema prefixal {ze-} e, nas construções antipassivas, o núcleo de VoiceP é instanciado pelo morfema {puru-}.

morfologicamente no verbo, conforme os exemplos abaixo:

- (15) a. *w-exak* *awa* *kwarer* *a'e*
 3-ver homem menino ele
 “O homem viu o menino”
- b. *u-ze-xak* *awa* *a'e*
 3-REFL-ver homem ele
 “O homem se viu”
- (16) a. *u-mim* *kwarer* *takihe* *a'e*
 3-esconder menino faca ele
 “O menino escondeu a faca”
- b. *u-ze-mim* *kwarer* *a'e*
 3-REFL-esconder menino ele
 “O menino se escondeu”

Diferentemente do que ocorre nas línguas românicas, a língua Tenetehára não faz uso de pronomes reflexivos. Na verdade, a construção reflexiva é realizada por meio do morfema verbal {ze-}, o qual, conforme a hipótese que assumo neste trabalho, instancia o núcleo de VoiceP. Veja que a morfologia reflexiva é simplesmente uma escolha diferente do núcleo de VoiceP, assim como ocorre também com a passiva (KRATZER, 1996).

O curioso é que o morfema {-har}, apesar de nominalizar verbos com morfologia causativa e aplicativa, não pode se juntar a verbos que tenham recebido morfemas que realizem o núcleo de VoiceP, conforme as sentenças agramaticais abaixo:

- (17) a. **i-ze-xak-har* “aquele que se vê”
 b. **i-ze-mim-har* “aquele que se esconde”
 c. **i-ze-àkyràg-har* “aquele que se balança”
 d. **i-ze-kixi-har* “aquele que se corta”
 e. **i-ze-hyw-har* “aquele que se enxuga”

O que os dados revelam até agora é que o morfema {-har} pode se juntar apenas a vP_{CAUSE} e a $\text{ApplP}_{\text{HIGH}}$. Contudo, esse morfema não pode selecionar como complemento a projeção VoiceP. Veja que adoto a hipótese de Pykkänen (2008), segundo a qual em algumas línguas VoiceP e vP_{CAUSE} são projetados de forma cindida⁸. Por esse motivo, é possível que o morfema {-har} selecione apenas vP_{CAUSE} .

Um ponto que merece destaque é que o morfema {-har} é um nominalizador necessariamente agentivo. Assim, ele não é um nominalizador que denota meramente uma entidade ou um sujeito. Isso pode ser fundamentado com o fato de que esse nominalizador pode se combinar produtivamente com o mesmo conjunto de verbos com que a morfologia reflexiva também pode se combinar. Veja

⁸ Em trabalhos anteriores (cf. CAMARGOS, 2013, 2014, 2015, entre outros), propus que a língua Tenetehára projeta os núcleos de VoiceP e de vP_{CAUSE} de forma cindida. Para mais detalhes, convido o leitor a ler esses trabalhos.

que o nominalizador {-har} pode se juntar, em (18), a verbos transitivos agentivos, mas não pode nominalizar verbos intransitivos, conforme os exemplos agramaticais em (19).

- (18) a. *i-zuka-har* “o matador”
 b. *h-eru-wewe-har* “o piloto (de avião)”
 c. *i-mu-kixi-har* “aquele que corta”
- (19) a. **i-zozok-har* “aquele que soluça”
 b. **i-kàzim-har* “aquele que desaparece (fica perdido)”
 c. **i-màno-har* “aquele que morre”

O nominalizador {-har} parece se diferenciar substancialmente do sufixo nominalizador {-ma'e}, uma vez que este último pode ocorrer com verbos intransitivos inativos (20), verbos intransitivos ativos (21) e verbos com morfologia reflexiva (22).

- (20) a. *i-zozok-ma'e* “aquele que soluça”
 b. *i-kàzim-ma'e* “aquele que desaparece (fica perdido)”
 c. *i-katu-ma'e* “aquele que é bom”
- (21) a. *u-zàn-ma'e* “o corredor”
 b. *u-'ytaw-ma'e* “o nadador”
 c. *u-zahak-ma'e* “aquele que toma banho”
- (22) a. *i-ze-xak-ma'e* “aquele que se vê”
 b. *i-ze-mim-ma'e* “aquele que se esconde”
 c. *i-ze-àkyràg-ma'e* “aquele que se balança”

De fato, o morfema {-har} é um nominalizador que contém uma propriedade inerentemente agentiva, assim como o VoiceP ativo (KRATZER, 1996) e o VoiceP reflexivo. Por essa razão, esse morfema não é um nominalizador que denota meramente uma entidade ou um sujeito, como faz o morfema {-ma'e}.

3.5. Advérbios de agente

A língua Tenetehára lamentavelmente não exhibe advérbios orientados para agente. Esta função, no entanto, é exercida por meio de sintagmas posposicionais. Vale ressaltar ainda que estes sintagmas posposicionais, assim como os advérbios de modo, podem, a princípio ocupar qualquer posição na sentença. Tendo em vista que os advérbios orientados para agente, incluem aqui os sintagmas posposicionais em Tenetehára, têm escopo sobre VoiceP, cujo núcleo é responsável pelo licenciamento do argumento externo com a propriedade semântica de agente (KRATZER, 1996), espera-se que esses tipos de posposições não possam ocorrer em nominalizações de agente em Tenetehára, uma vez que o sufixo {-har} não é capaz de selecionar como complemento VoiceP, como foi mostrado na seção anterior. De fato, é isso o que ocorre nas sentenças abaixo:

- (23) a. *katu'ymaw r-upi u-petek awa zàwàruhu a'e*
 maldade C-por 3-bater homem onça ele
 “O homem bateu na onça por maldade”
- b. **o-ho zàwàruhu katu'ymaw r-upi i-petek-har ka'a pe a'e*
 3-ir onça maldade C-por 3-bater-NOML mata para ele
 “Aquele que bate por maldade na onça foi para a mata”
- (24) a. *w-emi-mutar r-upi u-petek awa zàwàruhu a'e*
 3-NOML-desejar C-por 3-bater homem onça ele
 “O homem bateu na onça por vontade”
- b. **o-ho zàwàruhu w-emi-mutar r-upi i-petek-har ka'a pe a'e*
 3-ir onça 3-NOML-desejar C-por 3-bater-NOML mata para ele
 “O homem que bate por vontade na onça foi para a mata”

Pode-se afirmar que, nos exemplos acima, os adjuntos adverbiais orientados para agente não podem ocorrer entre o nome deverbal e o seu complemento. Este tipo de construção não é possível na língua, porque o morfema {-har} é incapaz de selecionar como complemento a projeção VoiceP, a qual receberia o escopo desses elementos adverbiais.

Portanto, a impossibilidade de (i) os adjuntos adverbiais orientados para agente e (ii) a morfologia de VoiceP ocorrerem em contexto de nominalização de agente mostra que o morfema {-har}, de fato, não seleciona como complemento a projeção VoiceP.

Nas próximas seções, mostrarei que o morfema {-har}, além de ser incapaz de selecionar VoiceP, também não pode se juntar a projeções funcionais, tais como NegP e TP. Estas duas próximas evidências são essenciais para mostrar que as construções com {-har} em Tenetehára também não podem ser comparadas a orações relativas, uma vez que estas últimas geralmente exibem mecanismos verbais de negação e de tempo em várias línguas.

3.6. Negação verbal

A negação verbal em Tenetehára se realiza por meio do circunfixo {n-...-kwaw}. Em uma perspectiva minimalista, a negação tem sido tratada como a instanciação da projeção NegP, a qual se realiza acima de VoiceP. Veja nos exemplos abaixo que um verbo com morfologia de negação não pode ser nominalizado.

- (25) a. *n-u-zuka-kwaw awa zàwàruhu a'e*
 NEG-3-matar-NEG homem onça ele
 “O homem não matou a onça”
- b. **zàwàruhu n-u-zuka-kwaw-har*
 onça NEG-3-matar-NEG-NOML
 “Aquele que não mata onça”

- c. **zawaruhu na-i-zuka-kwaw-har*
 onça NEG-3-matar-NEG-NOML
 “Aquele que não mata onça”

3.7. Morfologia de tempo

A marcação temporal em Tenetahára normalmente se manifesta por meio de partículas separadas do verbo. A marca de futuro é aparentemente uma exceção, uma vez que se realiza por meio do sufixo $\{- (pu)tar\}$, a qual se afixa ao final do verbo. Veja nos exemplos abaixo que um verbo com morfologia temporal de futuro não pode ser nominalizado.

- (26) a. *u-pyhyk-putar awa pira a'e nehe*
 3-pegar-FUT homem peixe ele INTENS
 “O homem pegará o peixe”
- b. **pira i-pyhyk-putar-har (nehe)*
 peixe 3-pegar-FUT-NOML INTENS
 “Aquele que vai pegar o peixe”

É necessário ressaltar que as nominalizações, como (27), e os nomes, como (28), nas línguas Tupí-Guaraní, podem receber marcas de tempo, a saber: $\{-ram\}$ para futuro e $\{-kwer\}$ para passado. No entanto, essa marcação é exclusiva de nomes e não ocorre com predicados verbais. Portanto, uma alternativa gramatical da sentença (26b) pode ser vista em (27).

- (27) *pira i-pyhyk-har-ràm*
 peixe 3-pegar-NOML-FUT
 “Aquele que vai pegar o peixe”
- (28) *u-zapo-putar awa he=r-àpuz-ràm a'e*
 3-fazer-FUT homem 1SG=C-casa-FUT ele
 “O homem fará minha futura casa”

3.8. Síntese

Vimos nesta seção que o nominalizador de agente $\{-har\}$ não pode conter marcadores de Voice (reflexivo), marcas de tempo verbal, morfologia de negação e adjuntos adverbiais de agente. No entanto, é possível que haja, entre o nominalizador e a raiz, morfologia causativa e aplicativa. Além do mais, essa nominalização permite a ocorrência de advérbios de modo. Em suma, a nominalização com o morfema $\{-har\}$ apresenta um comportamento distinto das nominalizações com o sufixo $\{-er\}$ em inglês (BAKER; VINOKUROVA, 2009) e das orações relativas (JOHANSSON, 2012). Veja o quadro abaixo que mostra a distinção desses três tipos de construções:

Propriedades/ Tes-tes	Nominalização de agente (BAKER; VINOKUROVA, 2009)	Nominalização de agente em Tenetehára	Oração relativa que denota agente (JOHANSSON, 2012)
Morfologia causativa	(Não)	Sim	Sim
Morfologia aplicativa	(Não)	Sim	Sim
Advérbios de modo	Não	Sim	Sim
Morfologia de VoiceP	(Não)	Não	Sim
Advérbios de agente	Não	Não	Sim
Morfologia de negação	(Não)	Não	Sim
Morfologia de tempo	(Não)	Não	Sim

Quadro 1: Propriedades de nominalizações de agente e orações relativas

O que esta seção mostrou é que as nominalizações de agente em Tenetehára não atestam a configuração em (6a), uma vez que o morfema nominalizador $\{-har\}$ apresenta internamente uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP. Além disso, a estrutura em (6b), típica de orações relativas, também não é verificada neste contexto, visto que as construções com esse morfema, além de não aceitarem advérbios de agente, não permitem marcadores de voz (reflexivo), de tempo verbal e de morfologia de negação.

Apesar de a nominalização de agente em Tenetehára ser internamente mais estruturada do que a nominalização de agente em inglês, essa construção, nas duas línguas, apresenta como característica comum o fato de não projetar VoiceP. A este respeito, Baker & Vinokurova (2009) consideram que o argumento externo agente, por não ser um argumento verdadeiro do verbo, é projetado por um núcleo distinto acima de VP. Assim, os autores propõem que a nominalização de agente deve ser formada exatamente neste ponto: essa nominalização é o resultado do uso de um núcleo nominal na posição ocupada pelo núcleo de VoiceP. Dessa forma, o núcleo da projeção nominal está em distribuição complementar com o núcleo de VoiceP. Por esse motivo, o nominalizador $\{-har\}$ é capaz de selecionar como complemento o mesmo tipo de verbo que a marca de voz reflexiva seleciona.

Na próxima seção, investigarei qual é a estrutura interna de nomes deverbais que denotam evento e resultado.

4. NOMINALIZAÇÃO DE RESULTADO E DE EVENTO

Nesta seção, veremos que as nominalizações de evento e de resultado em Tenetehára utilizam a mesma morfologia nominalizadora, a saber: o sufixo $\{-haw\}$. De acordo com Grimshaw (1990), Marantz (1997) e Borer (2003), a nominalização de resultado denota o resultado de um evento ou simplesmente nomeia uma entidade no mundo, ao passo que a nominalização de evento envolve o processo de um evento. Estes dois tipos de nominalização podem ainda se subdividir em nominalização simples e complexa. Chamo de nominalização complexa aquela construção que exibe um argumento na função de complemento do sintagma nominal, o qual engatilha no nome deverbal os prefixos $\{i- \sim h-\}$ e $\{\emptyset- \sim r-\}$.

Em (29a), há um exemplo de nominalização simples de resultado. Em (29b), por sua vez, existe uma nominalização complexa de resultado. Note que apenas (29b) introduz um argumento extra, o qual engatilha no nome deverbal o prefixo de terceira pessoa {i-}. Nos exemplos em (30), a nominalização denota um evento que é descrito pelo verbo. Em (30a), a nominalização é simples, ao passo que, em (30b), é complexa. Note que, no último exemplo, o nome derivado possui um argumento extra que engatilha o prefixo {i-}.

- (29) a. *w-exak* *kwarer* **yryk-aw** *a'e*
 3-ver menino fluir-NOML ele
 “O menino viu o riacho”
- b. *zàwàruhu* ***i-zuka-haw*** *w-in* *tenaw* *r-ehe* *a'e*
 onça 3-matar-NOML 3-estar cadeira C-em ele
 “O instrumento de matar onça está na cadeira”
- (30) a. *i-akatuawahy* *karaiw* ***men-haw*** *r-ehe* *a'e* *wà*
 3-gostar não.indígena ter.marido-NOML C-de ele PL
 “Os não indígenas gostam de casamento”
- b. *u-zapo* *awa* *u-kypy'yr* ***i-men-haw*** *a'e* *no*
 3-fazer homem CORR-filha 3-ter.marido-NOML ele também
 “O homem fez o casamento da filha mais nova”

Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005) afirmam que as nominalizações de evento são formadas a partir de estruturas verbais, ao passo que nomes deverbais não eventivos (aqui se incluem as nominalizações de resultado) são construídas a partir de raiz. Nesta seção, no entanto, mostrarei que em Tenetehára tanto as nominalizações de evento quanto as de resultado apresentam internamente propriedades verbais. Logo, a língua Tenetehára pertence ao conjunto de línguas em que nominalização de resultado não é formada somente a partir de raiz, mas também a partir de verbos.

4.1. Nomes deverbais que denotam resultado

Nesta seção, examino os nomes deverbais simples em Tenetehára, principalmente os que denotam instrumentos, produtos e lugares. Para fins ilustrativos, em (31), temos uma série de nomes que denotam instrumentos. Em (32), há nomes de vários tipos de produtos. Em (33), por fim, estão presentes nomes de lugares.

Instrumento

- (31) a. *pyhykaw* “armadilha”
 b. *ikixihaw* “serrote”
 c. *myràmyràgaw* “escada”
 d. *muku'ihaw* “moedor”
 e. *imuatahaw* “motor”
 f. *muwewehaw* “paineira”

Produtos

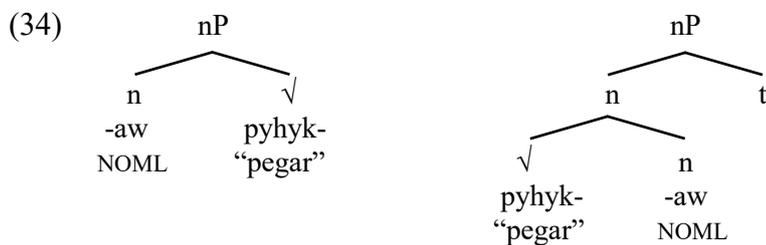
- (32)
- | | | |
|----|---------------------|-----------------------|
| a. | <i>zegarhaw</i> | “canção” |
| b. | <i>kyhaw</i> | “rede” |
| d. | <i>i'awpupehaw</i> | “trança (de cabelo)” |
| e. | <i>'y'uhaw</i> | “caneco” |
| f. | <i>mai'uhaw</i> | “prato” |
| g. | <i>mynykaw</i> | “festa (de dança)” |
| h. | <i>wyra'uhaw</i> | “festa (de moqueado)” |
| i. | <i>izemarasztaw</i> | “brinquedo, jogos” |

Lugares

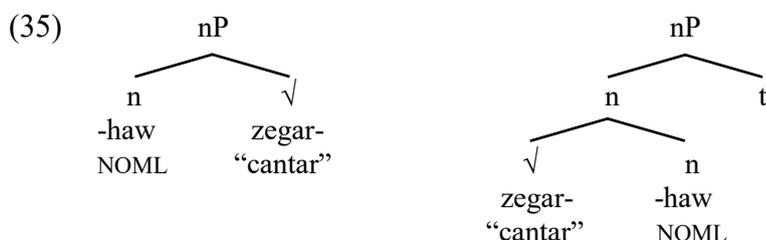
- (33)
- | | | |
|----|------------------|------------------------------------|
| a. | <i>henaw</i> | “cadeira” |
| b. | <i>ikerhaw</i> | “cama” |
| b. | <i>zegarhaw</i> | “lugar de cantar” |
| d. | <i>hekohaw</i> | “a morada” |
| e. | <i>imai'uhaw</i> | “lugar de comer” |
| f. | <i>zahakaw</i> | “lugar de banhar, banheiro, fonte” |

Com base na tradução para o português, todos esses nomes se apresentam aparentemente como nomes simples, com nenhuma estrutura interna. Evidência em favor dessa hipótese vem do fato de que todos esses nomes podem receber um argumento possuidor e podem ser pluralizados. É necessário ressaltar que, de acordo com Grimshaw (1990), nomes eventivos complexos não podem ser pluralizados.

Observe que os nomes de (31) a (33), os quais indicam resultado, introduzem nomes de instrumentos, produtos e lugares. De fato, alguns desses nomes acima são definitivamente nomes simples em Tenetehára. Por exemplo, em (31a) *pyhykaw* “armadilha”, (32a) *zegarhaw* “canção” e (33a) *henaw* “cadeira”, não há nenhuma evidência de morfologia verbal. Esses três exemplos são formados por meio da concatenação de uma raiz com o nominalizador {-haw}. Em (34), apresento a estrutura para *pyhykaw* “armadilha”. Veja que a raiz alça para o nominalizador.



Em (35), há a estrutura para o exemplo de (32a), a saber: o nome *zegarhaw* “canção”. Note que a raiz move-se para o nominalizador.



Se analisarmos os nomes tais como *muku'ihaw* “moedor”, o qual está em (31d), veremos que essa estrutura nominalizada é um pouco mais complexa. Esse nome deverbal deriva da raiz *ku'i* “moer”, a qual recebe o morfema {*mu-*} que instancia o núcleo da projeção causativa. O resultado é um verbo transitivo causativo que, posteriormente, é nominalizado por meio do sufixo {-*haw*}. A interpretação mais literal do nome deverbal *muku'ihaw* talvez seja “instrumento que mói”.

Baseando-se principalmente na ideia de que a morfologia é transparente e de que o morfema é um nó terminal na estrutura de uma palavra ou na estrutura de uma sentença (HARLEY, 2009), nota-se que os nós verbais, nas nominalizações com {-*haw*}, são capazes de introduzir argumento interno. Veja nos exemplos abaixo que os nomes deverbais apresentam um argumento interno.

- (36) a. *wyràmiri* *i-pyhyk-aw*
 passarinho 3-pegar-NOML
 “Armadilha de pegar passarinho”
- b. *awaxi* *i-mu-ku'i*
 milho 3-CAUS-moer
 “Instrumento de moer milho”

Um argumento adicional a favor da proposta de que o morfema {-*haw*} é responsável pelo processo de nominalização vem do fato de que, de acordo com Jonansson (2009), as orações relativas não são orações nominalizadas. O autor se justifica no fato de que tais orações não podem introduzir um argumento possuidor e não são modificadas por um adjetivo. Os nomes, inclusive as nominalizações, podem ser pluralizados, ao passo que essa propriedade está ausente nas orações relativas.

Se essas características realmente estão corretas, as construções que envolvem a realização do morfema {-*haw*} de fato se constituem como nominalização, uma vez que podem introduzir um argumento possuidor e podem ainda ser pluralizadas. Note nos exemplos abaixo que os nomes deverbais estão acompanhados do numeral *mokoz* “dois”.

- (37) *mokoz* *i-kair-haw* *w-in* *tenaw* *r-ehe* *a'e* *wà*
 dois 3-escrever-NOML 3-estar cadeira C-em ela PL
 “Duas canetas estão sobre a cadeira”

- (38) *u-zapo* *kuzà* *mokoz* *i-zemaráz-taw* *a'e*
 3-fazer mulher dois 3-brincar-NOML ela
 “A mulher fez dois brinquedos”

- (39) *w-exak* 'àg *kuzà* *mokoz* *i-ker-haw* *a'e*
 3-ver esta mulher dois 3-dormir-NOML ela
 “Esta mulher viu duas camas”

Além de receber o numeral *mokoz* “dois”, os nomes deverbais que denotam resultado podem ainda ser possuídos, conforme exemplos abaixo:

- (40) *a-monopyai* *he=ø-mu-wewe-haw* *ihe*
 1-emprestar 1SG=C-CAUS-voar-NOML eu
 “Eu emprestei minha paineira”

- (41) *u-zapo* *awa* *he=ø-zemaráz-taw* *a'e*
 3-fazer homem 1SG=C-brincar-NOML ele
 “O homem fez meu brinquedo”

- (42) *w-ityk* *karaiw* *he=r-eko-haw* *a'e*
 3-destruir não.indígena 1SG=C-estar-NOML ele
 “O não indígena destruiu minha morada”

Na próxima seção, o objetivo é verificar a estrutura interna dos nomes deverbais que denotam evento, a qual também é desencadeada pela realização do morfema {-haw}.

4.2. Nomes deverbais que denotam evento

Como vimos anteriormente, os nomes deverbais que denotam evento também são gerados por meio do nominalizador {-haw}. Além disso, essas construções apresentam uma estrutura verbal mais complexa do que um VP e o resultado será um nome deverbal que denota o evento introduzido pelo verbo, conforme o exemplo abaixo:

- (43) a. *u-zuka* *awa* *zàwàruhu* *a'e*
 3-matar homem onça ele
 “O homem matou a onça”
- b. *u-paw* *zàwàruhu* *i-zuka-haw* *na'aritykahy* *a'e*
 3-cessar onça 3-matar-NOML rapidamente ela
 “A matança da onça acabou rapidamente”

Note que o nominalizador {-haw} se junta ao verbo transitivo *zuka* “matar”, a fim de denotar o evento de matar. O objeto, *zàwàruhu* “onça”, por sua vez, ocupa a posição de complemento do nome deverbal, o qual engatilha no nome o prefixo de terceira pessoa {-i-}.

Nas próximas subseções, examinarei quais projeções podem estar presentes em nominalizações que envolvem o sufixo {-haw}.

4.2.1. Morfologia causativa

Vimos no exemplo acima que o morfema {-haw} se junta a verbos a fim de gerar nomes que denotam um evento. Os exemplos (44) e (45), por sua vez, mostram que verbos transitivos morfologicamente causativizados também podem ser submetidos ao processo de nominalização por meio da afixação do morfema {-haw}.

(44) *u-paw* *kwarer* *i-mu-zahak-haw* *na'aritykahy* *a'e*
3-cessar menino 3-CAUS-banhar-NOML rapidamente ele
“O evento de banhar a criança acabou rapidamente”

(45) *u-paw* *kwarer* *i-mu-aku-haw* *na'aritykahy* *a'e*
3-cessar menino 3-CAUS-quente-NOML rapidamente ele
“O evento de esquentar a criança acabou”

Pode-se afirmar que, nos exemplos acima, o nominalizador {-haw} é capaz de se afixar a uma estrutura verbal que projeta vP_{CAUSE} , cujo núcleo é instanciado pelo morfema causativo {mu-}.

4.2.2. Morfologia de aplicativo alto

Outra evidência de que o nominalizador {-haw} seleciona uma estrutura verbal mais desenvolvida vem das construções que envolvem o aplicativo alto {eru-}, conforme os exemplos abaixo:

(46) *u-paw* *àwiàw* *h-eru-wewe-haw* *na'aritykahy* *a'e*
3-cessar avião 3-APPL-VOAR-NOML rapidamente ele
“O voo com o avião terminou rapidamente”

(47) *u-paw* *kàmiàw* *h-eru-zàn-haw* *na'aritykahy* *a'e*
3-cessar carro 3-APPL-CORRER-NOML rapidamente ele
“A corrida/viagem com o carro acabou rapidamente”

Nos exemplos acima, vemos que o nominalizador {-haw} se afixa a uma estrutura verbal que projeta $\text{App}P_{\text{HIGH}}$, cujo núcleo é instanciado pelo aplicativo alto {eru-}.

4.2.3. Advérbios de modo

Como vimos na seção anterior, os advérbios de modo, tais como *rapidamente* e *lentamente*, são projetados acima de VP. Espera-se que esses tipos de advérbios possam ocorrer em nominalizações de agente em Tenetehára, uma vez que o sufixo o {-haw} seleciona como complemento vP_{CAUSE} . De fato, é isso o que ocorre nas sentenças abaixo:

(48) a. *mewekatu* *u-kixi* *awa* *zàwàruhu* *a'e*
lentamente 3-cortar homem onça ele
“O homem cortou lentamente na onça”

- b. *u-paw* *zàwàruhu* *mewekatu* *i-petek-haw* *a'e*
 3-cessar onça lentamente 3-cortar-NOML ele
 “O evento de cortar lentamente na onça acabou”

- (49) a. *na'aritykahy* *u-kixi* *awa* *zàwàruhu* *a'e*
 rapidamente 3-cortar homem onça ele
 “O homem cortou a onça rapidamente”

- b. *u-paw* *zàwàruhu* *na'aritykahy* *i-petek-haw* *a'e*
 3-cessar onça rapidamente 3-cortar-NOML ele
 “O evento de cortar rapidamente na onça acabou”

Nos exemplos acima, observe que os advérbios de modo têm escopo sintático sobre o evento descrito pelo verbo que foi nominalizado. Isso só é possível porque o sufixo nominalizador {-haw} seleciona como complemento uma estrutura verbal que inclui vP.

4.2.4. Morfologia de VoiceP

Diferentemente do que ocorre nas nominalizações agentivas, o morfema {-haw} pode se juntar a estruturas que tenham projetado VoiceP. Isso é particularmente evidenciado em contexto de voz reflexiva, em que o núcleo de VoiceP é realizado pelo prefixo verbal {ze-}, conforme as sentenças abaixo:

- (50) a. *u-ze-xak* *awa* *a'e*
 3-REFL-ver homem ele
 “O homem se viu”

- b. *u-paw* *i-ze-xak-haw* *a'e*
 3-cessar 3-REFL-ver-NOML ele
 “O evento de se olhar terminou”

- (51) a. *u-ze-mim* *kwarer* *a'e*
 3-REFL-esconder menino ele
 “O menino se escondeu”

- b. *u-paw* *i-ze-mim-haw* *a'e*
 3-cessar 3-REFL-esconder-NOML ele
 “(Brincar de) se esconder acabou”

Note que, nos exemplos acima, o morfema {-haw} pode nominalizar verbos que projetam VoiceP, uma vez que o núcleo dessa projeção é instanciado pelo reflexivo {ze-}. Neste aspecto, o morfema {-har} exibe um comportamento morfossintático distinto do nominalizador de evento {-haw}, uma vez que o nominalizador de agente é incapaz de selecionar como complemento a projeção VoiceP.

4.2.5. Advérbios de agente

Os advérbios de agente tem escopo sobre VoiceP, cujo núcleo é responsável pelo licenciamento do argumento externo com a propriedade semântica de agente (KRATZER, 1996). Portanto, espera-se que esses tipos de advérbios possam ocorrer em nominalizações de evento em Tenetehára, uma vez que o sufixo {-haw} é capaz de selecionar como complemento VoiceP, como foi mostrado na seção anterior. De fato, é isso o que ocorre nas sentenças abaixo:

- (52) a. *katu'ymaw* *r-upi* *u-petek* *awa* *zàwàruhu* *a'e*
 maldade C-por 3-bater homem onça ele
 “O homem bateu na onça por maldade”
- b. *u-paw* *zàwàruhu* *katu'ymaw* *r-upi* *i-petek-haw* *a'e*
 3-cessar onça maldade C-por 3-bater-NOML ele
 “O evento de bater na onça por maldade terminou”
- (53) a. *w-emi-mutar* *r-upi* *u-petek* *awa* *zàwàruhu* *a'e*
 3-NOML-desejar C-por 3-bater homem onça ele
 “Por desejo, o homem bateu na onça”
- b. *u-paw* *zàwàruhu* *w-emi-mutar* *r-upi* *i-petek-haw* *a'e*
 3-cessar onça 3-NOML-desejar C-por 3-bater-NOML ele
 “O evento de bater na onça por querer terminou”

Veja que, nos exemplos acima, os adjuntos adverbiais orientados para agente podem ocorrer no domínio do nome deverbal. Este tipo de construção é possível, porque o morfema {-haw} é capaz de selecionar como complemento a projeção VoiceP, a qual recebe o escopo desses elementos adverbiais. Portanto, a possibilidade de (i) os adjuntos adverbiais de agente e (ii) a morfologia de VoiceP ocorrerem em contexto de nominalização de evento mostra que o morfema {-haw}, de fato, seleciona como complemento a projeção VoiceP.

Nas próximas seções, mostrarei que o morfema {-haw}, apesar de ser capaz de selecionar VoiceP, não pode se juntar a projeções funcionais mais altas, tais como NegP e TP.

4.2.6. Negação verbal

A negação verbal em Tenetehára se manifesta por meio do circunfixo {n...-kwaw}. Assumo que essa morfologia é a instanciação do núcleo da projeção NegP, a qual se realiza acima de VoiceP. Veja nos exemplos abaixo que um verbo com morfologia de negação não pode ser nominalizado.

- (54) a. *n-u-zuka-kwaw* *awa* *zàwàruhu* *a'e*
 NEG-3-matar-NEG homem onça ele
 “O homem não matou a onça”

- b. *zàwàruhu n-u-zuka-kwaw-haw
 onça NEG-3-matar-NEG-noml
 “A não matança da onça”
- c. *zawaruhu na-i-zuka-kwaw-haw
 onça NEG-3-matar-NEG-NOML
 “A não matança da onça”

Na próxima subseção, apresentarei dados que mostram que verbos com morfologia de tempo também não podem ser nominalizados por meio do nominalizador de evento.

4.2.7. Morfologia de tempo

Com base nos exemplos abaixo, pode-se afirmar que uma estrutura que projeta TP é incapaz de receber o nominalizador de evento {-haw}.

- (55) a. u-pyhyk-putar awa pira a'e nehe
 3-pegar-FUT homem peixe ele INTENS
 “O homem pegará o peixe”
- b. *pira i-pyhyk-putar-haw (nehe)
 peixe 3-pegar-FUT-NOML INTENS
 “O futuro evento de pegar o peixe”

É necessário ressaltar que as nominalizações nas línguas Tupi-Guaraní podem receber marcas de tempo, a saber: {-ram} para futuro e {-kwer} para passado. No entanto, essa marcação é exclusiva de nomes. Veja os exemplos em (56).

- (56) a. pira i-pyhyk-haw-ràm
 peixe 3-pegar-NOML-FUT
 “O futuro evento de pegar o peixe”
- b. pira i-pyhyk-haw-kwer
 peixe 3-pegar-NOML-PASS
 “O evento passado de pegar o peixe”

Na seção seguinte, exponho a síntese dos argumentos apresentados que evidenciaram a proposta segundo a qual as nominalizações de resultado e evento em Tenetehára apresentam uma estrutura verbal mais complexa, contrariando Alexiadou (2001), Borer (2003, 2005) e Baker & Vinokurova (2009).

4.3. Síntese

Vimos nesta seção que o nominalizador de resultado e de evento {-haw} não pode conter marcadores de tempo verbal e morfologia de negação, o que mostra que essas construções não são um tipo de oração relativa. No entanto, é possível que haja, entre o nominalizador e a raiz, morfologia causativa, aplicativa e reflexiva. Além do mais, essa nominalização permite a ocorrência de advérbios de modo e adjuntos adverbiais de

agente. Em suma, a nominalização de evento com o morfema {-haw} exibe um comportamento muito semelhante às nominalizações com o sufixo {-ing} em inglês (BAKER; VINOKUROVA 2009). Veja o quadro abaixo que mostra as distinções e semelhanças desses três tipos de construções:

Propriedades/ Testes	Nominalização de resultado (ALEXIADOU, 2001; BORER, 2003, 2005)	Nominalização de resultado em Tenetehára	Nominaliza- ção de evento (BAKER; VI- NOKUROVA 2009)	Nominalização de evento em Tene- tehára
Morfologia cau- sativa	(Não)	Sim	(Sim)	Sim
Morfologia apli- cativa	(Não)	Sim	(Sim)	Sim
Advérbios de modo	Não	-	Sim	Sim
Morfologia de VoiceP (Refl)	(Não)	Sim	(Sim)	Sim
Advérbios de agente	Não	-	Sim	Sim
Morfologia de negação	Não	Não	(Não)	Não
Morfologia de tempo	(Não)	Não	(Não)	Não

Quadro 2: Propriedades de nominalizações de resultado e de evento

O que esta seção mostrou é que as nominalizações de resultado em Tenetehára apresentam internamente um conjunto de propriedades de sintagma verbal. Isso evidencia que o nominalizador pode selecionar como complemento uma estrutura verbal complexa e não uma raiz, como preconiza Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005). As nominalizações de evento, no entanto, apresentam um comportamento muito semelhante aos nomes de gerúndio em inglês, uma vez que essas nominalizações contêm mais propriedades verbais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi examinar as nominalizações agentivas {-har} e não agentivas {-haw} na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). Pode-se afirmar que nessa língua as nominalizações resultativas são morfologicamente complexas e assim podem sofrer decomposição. Veja que essa evidência contrasta com Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005), uma vez que esses autores assumem que nominalizações deverbais não eventivas são construídas a partir de raízes. Como vimos, essas construções envolvem a nominalização de predicados verbais, uma vez que há evidências morfológicas da realização de vP, por meio da morfologia causativa, e a instanciação do núcleo de VoiceP, por meio da morfologia reflexiva. Demonstrei também que as nominalizações agentivas apresentam uma estrutura

verbal tão complexa quanto as nominalizações resultativas. O principal argumento foi o fato de a nominalização com o morfema {-har} poder combinar-se com vP (causativo) e ApplP (aplicativo alto). Veja que essa proposta opõe-se parcialmente a Baker & Vinokurova (2009), uma vez que esses autores assumem que verdadeiros nominalizadores agentivos devem se combinar diretamente com VP.

REFERÊNCIAS

Alexiadou, Artemis. 2001. *Functional structure in nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam: John Benjamins.

Baker, Mark C. & Vinokurova, Nadya. 2009. On agent nominalizations and why they are not like event nominalizations. *Language* 85, 517-556.

Borer, H. 2003. The grammar machine. In *The Unaccusativity Pyzzle*, eds. Alexiadou, A.; Anagnostopoulou, E. & Everaert, M., 288-331. Oxford: Oxford University Press.

Borer, H. 2005. *Structuring Sense II: The Normal Course of Events*. Oxford: Oxford University Press.

Camargos, Quesler Fagundes. 2013a. *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

Camargos, Quesler Fagundes. 2013b. Causativização morfológica na língua Tenetehára: análise à luz da estrutura bipartida do VP. *Revista Virtual dos Estudantes de Letras* 6: 1-28.

Camargos, Quesler Fagundes. 2014. Estatuto gramatical do morfema causativo {-kar} na língua Tenetehára (Tupí-guaraní). *Revista Linguística* 10: 199-217.

Camargos, Quesler Fagundes. 2015. O parâmetro 'Agregação de Voice' e as funções de v-zinho em quatro línguas indígenas brasileiras. *Revista Linguística* 31(2): 111-129.

Camargos, Quesler Fagundes & Castro, Ricardo Campos. 2013. Paralelismo entre DP e CP a partir das nominalizações na língua Tenetehára. *Revista da ANPOLL* 34: 393-434.

Camargos, Quesler Fagundes & Castro, Ricardo Campos. 2015. Propriedades verbais em estruturas nominais e nominalizadas na língua Tenetehára (Família Tupí-Guaraní). *Revista LIAMES* 15: 47-67.

Castro, Ricardo Campos. 2007. *Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

- Cinque, Guglielmo. 1999. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford.
- Duarte, Fábio Bonfim. 1997. *Análise gramatical das orações da Língua Tembé*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB.
- Duarte, Fábio Bonfim. 2003. *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG.
- Duarte, Fábio Bonfim. 2007. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- Duarte, Fábio Bonfim. 2012. Tenetehára: A predicate-fronting language. *The Canadian Journal of Linguistics / La revue canadienne de linguistique* 57: 359-386.
- Grimshaw, Jane B. 1990. *Argument Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Hale, Ken & Keyser, Samuel J. 1993. *On argument structure and the lexical expression of syntactic relations*. In *The View from Building 20*, eds. Hale, Ken & Keyser, Samuel J., 53-109. Cambridge, MA: MIT Press.
- Halle, Morris & Marantz, Alec. 1993. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In *The View from Building 20*, ed. Hale, Kenneth & Keyser, S. Jay, 111-176. Cambridge: MIT Press.
- Harrison, Carl. 1986. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: *Handbook of Amazonian Languages*, eds. Derbyshire, D. C. & Pullum, G. K., 407-439. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Harrison, Carl. 1995. The interplay of causative and desiderative in Guajajára. *Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA* 4: 83-113.
- Johansson, Sara. 2012. Relative clauses, or clause-sized nominalizations? A consideration of Blackfoot. In *Working Papers of the Linguistics Circle* 21(2): 1-15.
- Kaplan, R. M. & Bresnan, J. 1982. Lexical-Functional Grammar: A Formal System for Grammatical Representation. In *The Mental Representation of Grammatical Relations*, ed. Bresnan, Joan, 173-281. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Kratzer, Angelika. 1996. Severing the external argument from its verb. In *Phrase structure and the lexicon*, eds. Rooryck, Johan & Zaring, Laurie, 109-138. Dordrecht: Kluwer.

Marantz, Alec. 1997. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, eds. Dimitriadis, A. & Siegel, L. & Surek-Clark C. & Williams, A., 201-225. Philadelphia: Penn Linguistics Club.

Mathieu, Eric. 2013. Denominal verbs in Ojibwe. *International Journal of American Linguistics* 79: 97-132.

Mathieu, Eric. 2014. Nominalizations in Ojibwe. In *Cross-linguistic Investigations of Nominalization Patterns*, ed. Paul, Ileana, 3-24. Amsterdam: John Benjamins Publishing.

Pykkänen, Liina. 2008. *Introducing arguments*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1985. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28: 33-53.

Schäfer, F. 2008. *The Syntax of (Anti-)Causatives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.

Shieber, S. M. 1986. *An Introduction to Unification-Based Approaches to Grammar*, Center for the Study of Language and Information, Lecture Notes No. 4.

Silva, Tabita Fernandes. 2010. *História da língua Tenetehára: contribuições aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Guaraní do tronco Tupí*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB.